



Ana Mendieta,
Glass on body, 1972

Ana Mendieta (1948-1985)

Ana Mendieta nasceu em Havana, e foi enviada por seus pais em 1961 durante a revolução cubana aos Estados Unidos onde passou a viver em orfanatos e instituições. Estudou inicialmente pintura na Universidade de Iowa e frequentou o curso de Vídeo Arte e Multimídia, conquistando o seu mestrado em Belas Artes em 1977. Mudou-se para New York em 1978. Vida, ausência e impermanência em seus aspectos culturais são temas recorrentes na obra da artista. Em 1972, Mendieta começa a trabalhar com performance e Earth-body Works. A série Silhueta realizada no México e em Iowa de 1973 a 1980 é o seu trabalho mais comentado. São mais de 100 obras em que a artista faz a silhueta de seu corpo aparecer em meio à natureza. A maior parte de seus earth-body works foi

registrada em filme e fotos. A artista também utilizava o fogo, demarcando os limites de seu corpo com pólvora. Muitos de seus filmes mostram as silhuetas sendo queimadas e os contornos formados pelas cinzas. Em 1985, Mendieta faleceu caindo da janela de seu apartamento em Nova York, e seu marido, o escultor Carl André, foi indiciado por assassinato, mas inocentado. Depois de sua morte foram realizadas várias exposições retrospectivas de seu trabalho: New Museum of Contemporary Art (1987), Helsinki City Art Museum (1996), Whitney Museum of American Art (2004) entre outros. Parte de sua obra foi também apresentada na 27 Bienal internacional de São Paulo em 2006.

Marcos Bonisson

O texto a seguir foi lido pela autora no New Museum of Contemporary Art em Nova York em 18 de fevereiro de 1982. Nele, a artista se posiciona politicamente e afirma sua crença na independência da atividade artística em relação ao contexto cultural dominante.

Vocação, arte e política, independência.

Ana Mendieta

(...) A questão da integridade em estética é para mim um problema bem complexo, primeiramente porque eu sou uma artista que percebe a arte como uma questão de vocação. Agora vocação é um fator de limitação que se estende até mesmo ao tipo de arte que um artista é capaz de realizar. Em outras palavras, acredito que um artista seja também limitado mesmo no que ele ou ela podem conceber. Eu faço a arte que faço porque é a única que eu posso fazer. Eu não tenho escolha. O filósofo Ortega y Gasset disse: "Ser herói, ser heróico é ser você mesmo". Eu penso que essa declaração é particularmente significativa no que concerne a atitude que o artista deve ter em relação à sociedade. Sendo dotada da capacidade de pensar, como pode uma pessoa viver sem se questionar? Sendo dotada de sentimentos, como pode permanecer indiferente?

Somente através de um despertar real e duradouro é que uma pessoa se torna consciente de si mesma, e é somente com essa consciência que a pessoa começa a viver como um ser humano. Conhecer a si mesmo é conhecer o mundo, e isso é paradoxalmente também uma forma de exílio do mundo. Eu sei que é essa autoconsciência, esse autoconhecimento que me faz dialogar com o mundo ao meu redor, fazendo arte.

Eu gostaria de fazer algumas declarações sobre cultura em geral. Eu gosto de pensar em cultura como a memória da história. Contudo, de acordo com Lévi-Strauss, cultura é uma combinação de costumes, crenças e hábitos e habilidades adquiridas pelo homem como membro de uma sociedade. Eu acredito que arte é uma parte material da cultura, embora o seu maior valor seja o papel espiritual e a influência que ela exerce na sociedade, porque arte é o resultado de uma atividade espiritual e a sua maior contribuição é para o desenvolvimento intelectual e moral do homem. Cultura é um fenômeno histórico que se desenvolve gradualmente no mesmo nível da sociedade, e esse é o problema que nós enfrentamos hoje. Para consolidar o domínio do seu império sobre a natureza tem sido necessário para o homem subjugar outros homens e tratar parte da humanidade como objetos. O desafio atual mais persuasivo da civilização ocidental tem sido justamente a disseminação de tecnologia e a cobrança à cultura parece fundamentada na assimilação de tecnologia. Eu gostaria de fazer uma pergunta. Quem fala pelos Estados Unidos

hoje? E eu gostaria de responder a esta pergunta. As agências de publicidade.

Eu penso que como todos nós sabemos existem duas culturas dentro de uma. Uma é a cultura da classe dominante, a classe reacionária, que atua de modo a paralisar o desenvolvimento social do homem num esforço de ter toda a sociedade identificada e servindo a seus próprios interesses. Essa classe banaliza, mistura, distorce e simplifica a vida. Eles não têm nenhuma utilidade para o que é puro e real. Eles chamam isso de estilizar. Nesse sentido, criam um produto, um estilo no qual dominam as comunicações de massa e agora também as artes em todas as suas manifestações. Eles denominam isso de estilo cosmopolita e internacional. Acreditem, amigos, o imperialismo não é um problema de extensão, mas de reprodução. Isso é uma velha técnica, não foi inventada aqui. Era utilizada em tempos antigos pelos egípcios, gregos e romanos. Autênticas tradições culturais e manifestações nas artes denunciam a falsidade da missão de civilizar operada pela classe dominante. Isso enfatiza as observações que eu fiz no começo da palestra de que a arte é uma questão de vocação e isto deve parecer ridículo para a burguesia. O risco real que a cultura enfrenta hoje é o de que as instituições culturais são governadas por pessoas da classe dominante, e que a arte pode se tornar invisível porque essas pessoas recusam a assimilá-la.

Eu acredito que o simples fato de vocês estarem aqui hoje é uma prova pontual de que há uma outra cultura além da cultura da classe dominante. O maior prazer que as grandes obras de arte me proporcionam, não é somente experimentá-las, mas também, o fato de que elas foram criadas e existem. Agora eu tenho certeza de que muitas dessas obras foram realizadas em condições tão adversas como as de hoje. E isso então prova que nós sobreviveremos. A questão da integridade em estética está surgindo de novo historicamente. Essa é uma questão pessoal que cada artista enfrenta. É uma luta constante. Tempos difíceis estão chegando, mas acredito que nós que somos artistas continuaremos a fazer o nosso trabalho. Nós seremos ignorados, mas permaneceremos aqui. Obrigada a vocês.

Tradução: Marcos Bonisson.

Texto publicado no livro *Ana Mendieta*, Barcelona: Polígrafa, 1996: 167-168